

Entrevista com o escritor Pedroom Lanne – pela ufã Rilva

Simões

Rilva Simões: Conte-nos quem é Pedroom Lanne.

Pedroom Lanne: Meu nome é Pedroom Lanne, pseudônimo de Pedro Luiz, na verdade, uma adaptação de um antigo *nickname* que utilizo desde a Era dos BBS em jogos em rede que participei. Pedroom é oriundo do jogo *Doom*, ou seja, Pedro + Doom = Pedroom. Já “Lanne” é uma mera alusão ao fato de meu nome ser composto, sendo o segundo com “L” de Luiz – mas pode me chamar de Pedroom somente. Conforme a prática, esse segundo nome é alternativo, por exemplo, em jogos de RPG online em que interpreto um ogre (ou ogro), meu *nickname* é “Pedroom Ogre”, desse modo, uma série de *nicknames* meus descrevem um pouco quem eu sou: Pedroom Killer, dos jogos de *paintball* virtual; Pedroom Quake, do jogo *Quake*; Pedruke Luken, do jogo *Duke Nuken*; Pedroom Senna, dos jogos de corrida; Pedroom Mage, Pedroom Vamp e Pedroom Wolf, entre outros de alguns jogos de RPG online ou mesmo presenciais; passando por Pedroom Matheus, o botonista (praticante de futebol de botão); Pedroom Slater, o surfista; até que enfim chegamos a Pedroom Lanne, o escritor. Entre tudo isso, não há muito que contar, sou brasileiro, paulistano, quarentão, comunicador e alguém que gosta de ler e escrever, entre outras coisas, livros de ficção-científica, um tema que sempre me fascinou.

Rilva Simões: Você tem outra profissão além de ser escritor? Como surgiu a inspiração para se tornar um?

Pedroom Lanne: A inspiração para escrever novela/ficção é antiga, vem desde a pré-adolescência, quando data a minha primeira tentativa de escrever um livro, em caderno à mão, pois nem datilografar eu sabia então. Isso sem contar um livro infantil que fiz na terceira série, que agora me lembro. O gosto por escrever, posso dizer, veio da escola, pois sempre gostei de ler e fazer as redações deste o primário, as professoras sempre gostaram das minhas histórias. Já na faculdade, por minha escolha de campo de estudo, a comunicação, e a carreira que desenvolvi depois de formado, o webdesign mais especificamente, desde então, escrever passou a ser parte de minhas atividades. Apesar de ter focado minha carreira no webdesign, trabalhei bastante com mídia impressa e sempre estive antenado com as novas tecnologias desde o surgimento da Internet no Brasil. Por isso mesmo, hoje que não estou mais trabalhando como webdesigner, se me perguntar se sou escritor, antes te respondo que sou *webwriter* – por outro lado, o da

diversão, contar piadas temáticas dentro de jogos de RPG e *games* virtuais ou mesmo em chats, além de um blog que mantive durante certo tempo, se semeou o desejo de me tornar escritor: quando percebi a reciprocidade para com os frutos de minha imaginação por parte das pessoas em meio ao mundo digital. Depois de desenvolver uma carreira como webdesigner, passei a lecionar computação gráfica, me tornei professor e fiz mestrado, de modo que escrever passou a ser parte de minhas obrigações, foi quando tive oportunidade de aperfeiçoar minha escrita e me habituar a escrever com mais profundidade. Deste ponto em diante, depois daquele primeiro rascunho em um caderno da escola, passando por dois livros que eu comecei a escrever e desisti – três, contando minha não publicada dissertação de mestrado –, que eu perdi o medo de escrever. Atualmente, antes de prosseguir minha carreira no doutorado, eu me permiti um período sabático para, desta vez, completar esse desejo que sempre tive de escrever livros de ficção e me dedicar à carreira de escritor.

Rilva Simões: Qual o regozijo maior em escrever?

Pedroom Lanne: Para mim, o prazer de escrever é viver em minha mente a história que imagino e crio. Tanto que além de escrever esse meu primeiro livro para que as pessoas compartilhem da história que eu vivi em minha mente, eu também escrevo para mim, como em um RPG de futebol que jogo e registro histórias em um diário virtual. Acho que escrever preenche o desejo de dar forma a alguma coisa. Uma vez, em uma entrevista de emprego para uma vaga de webdesigner, me perguntaram por que gostava de criar sites e páginas web, sem saber ao certo o que dizer, respondi que “achava legal ver a página funcionando do jeito que desenhei e programei” – acho que foi a partir daí que, inclusive, eu percebi como era vã minha profissão. Mas escrever não é muito diferente, resume-se a dar forma as ideias através da escrita, é um *hobby*, talvez a única arte que a mim resta, dado que, exceto um pouco à fotografia/fotocomposição, não tenho tino para artes plásticas ou mesmo para desenhar (por mais que ainda trabalhe com webdesign). Quando lia gibis, sempre soube que jamais seria desenhista, no máximo, sonhava, seria argumentista.

Rilva Simões: Onde você redige seus textos?

Pedroom Lanne: Meu local de trabalho é meu computador, atualmente o sofá da sala onde escrevo em um laptop. Mas este primeiro livro eu escrevi em meu desktop – que deu pau, perdeu o HD, por isso tive que “mudar” para o laptop – situado na escrivaninha dois metros a frente do sofá. Se precisar de um café para me ajudar a clarear as ideias, o balcão

da cozinha está um metro atrás de mim; para ler, tem uma varada ao lado da escrivaninha com uma cadeira de balanço – esse é o meu cantinho como um todo: a sala e a varanda do apê onde moro.

Rilva Simões: Você escreve só sobre ficção-científica ou aborda outros temas?

Pedroom Lanne: Conforme mencionei, antes de publicar esse primeiro livro cujo tema é ficção-científica, mais especificamente sobre viagem no tempo, mundos paralelos e inteligência alienígena, eu comecei a escrever dois outros livros: um de ficção-científica mais voltado para o terror (intitulado provisoriamente “O Evento Zumbi”), e outro de fantasia sobre guerreiros, magos e dragões, estilo mundo medieval (“A Lenda do Grande Dragão Branco”). Acho que esses são os temas que mais me instigam escrever, e espero ainda terminar essas histórias que iniciei e larguei, de momento, posso dizer que meu gênero é ficção-científica e fantasia, mas planejo escrever sobre terror e mistério futuramente. Também arrisco escrever algumas poesias quando estou inspirado.

Rilva Simões: Fale do seu mais recente livro publicado e de onde tirou o título e os nomes dos personagens?

Pedroom Lanne: Esse meu primeiro livro – Adução, o Dossiê Alienígena – é fruto de uma súbita inspiração que tive quando viajei para São Thomé das Letras em Minas Gerais, um local conhecido pela cultura hippie e o avistamento de OVNI, onde estive por ocasião do “fim do mundo” em 21 dezembro de 2012: eu queria estar lá caso o mundo realmente acabasse, pois acreditava que se existisse uma chance dos alienígenas nos resgatarem do holocausto final, talvez São Thomé fosse um bom local para se esperar por eles nos momentos derradeiros. Outro fato é que minha esposa não conhecia a cidade e estávamos ambos de férias, então fomos para lá. De minha parte, eu sempre me interessei por astronomia, inclusive fiz um curso quando estava no colegial, sempre me fascinou a questão da vida extraterrestre, os mistérios do universo e da vida espiritual. Mais recentemente com o advento da TV a cabo e da Internet, tenho acompanhado algumas publicações sobre ufologia, documentários e, inclusive, a leitura de alguns livros sobre o tema. Nesse caso, o livro “O Triângulo das Bermudas” de Charles Berlitz (SP: Círculo do Livro, 1974), que li alguns meses antes de viajar a São Thomé, foi uma das principais fontes que redundaram na ideia do livro “Adução”. A inspiração inicial do livro, o *insight* que me trouxe a luz sua ideia, se deu no primeiro dia do reinício da conta-longa do calendário Maia, ou seja, no dia seguinte àquele que deveria ter sido o dia do juízo final, 22 de dezembro de 2012, justamente na cidade mineira. Eu já tinha planos para me dedicar a

escrever em 2013, mas minha ideia era retomar o projeto que larguei em 2006 “A Lenda do Grande Dragão Branco”, nesse dia em São Thomé, entretanto, talvez inspirado pelo ambiente local onde encontrava, veio a ideia da história enquanto estava conversando com minha esposa, quando contei a ela qual seria a trama do livro. Já o título “Adução” me veio a mente enquanto escrevia, lá pelo meio da história, quando percebi que esta era a palavra que melhor descrevia o drama que estava narrando: o processo oposto de uma abdução alienígena.

Quanto ao nome dos personagens, a princípio, a escolha foi pela simplicidade. Em se tratando dos personagens humanos que protagonizam a trama, optei por nomes fáceis de serem memorizados; em relação aos personagens alienígenas, dado que entre outras coisas eles surfam, alguns são baseados em nomes de surfistas famosos, outras entidades são definidas por nomes que permeiam o mundo da ficção de modo a serem facilmente identificados quanto ao patamar que ocupam na história. Outro exemplo, de determinado personagem protagonista que narra parte da história e descreve o mundo dos alienígenas, o qual em princípio eu não conseguia definir um nome legal, ao ver uma propaganda de um filme dos “X-Man” em que aparecia o Professor-X, tive a ideia de nomear esse personagem como “Professor Ipsilon”, dado que a letra “Y” vem depois de “X” e o professor da minha obra ser mais evoluído e inteligente que o personagem dos X-Man. Também existe outro personagem alienígena chamado Xavier, mas que em nada tem a ver com o Professor-X (chamado Xavier na história dos X-Man), foi sim inspirado em Francisco Xavier, o famoso médium brasileiro.

Rilva Simões: Exige muita pesquisa para criar o "universo" do livro?

Pedroom Lanne: Conforme mencionei, muitas pesquisas que fiz para essa obra se deram através de leituras de livros e revistas, de documentários e matérias da TV a cabo e/ou da Internet entre outras fontes. A maior parte do teor científico do livro é oriunda de pesquisas na Internet, mas também entrevistei algumas pessoas e, sempre que tive chance, chequei informações ou questionei especialistas, a maioria professores, psicólogos, médicos e um piloto de avião.

Quanto à criação do universo do livro, como minha obra se passa em um mundo paralelo totalmente diferente do nosso, tive certo trabalho para estruturá-lo, tive que criar uma série de gráficos e tabelas classificatórias para descrever o que intitulei de “Universo Quântico”, mas isso tudo foi sendo desenvolvido paulatinamente conforme escrevia a história – apesar da complexidade do universo que criei, não tive muita dificuldade, pois entre os trabalhos que desenvolvi com computação gráfica, constam a criação de alguns

jogos, incluindo *games* virtuais, jogos de cartas e de tabuleiro. Por um lado, o “Universo Quântico” é um tanto quanto complexo para descrevê-lo ao leitor, exige concentração na leitura para uma série de termos, neologismos ou unidades de tempo e medida que desenvolvi para ser compreendido, por outro lado, se parece complexo, os alienígenas que protagonizam e descrevem esse mundo não fogem muito do imaginário popular em torno desses seres, por mais complexa que seja sua existência, a figura dos mesmos que explorei, apesar de certas peculiaridades, humanizam e facilitam a compreensão desse universo ao longo da narrativa. A intenção do livro é, em parte, justamente essa: de uma história que começa em um mundo e termina em outro completamente diferente, assim demonstra como é pequena a nossa existência e quantas coisas existem a nossa volta que somos incapazes de perceber. A história tenta mostrar como seria o pensamento dos alienígenas, como se você começasse pensando como homem e terminasse como alienígena, daí o título “Adução”, pois te *aduz*, ou tenta te *aduzir* a pensar e a ver o mundo de uma perspectiva alienígena ultra desenvolvida. Como já revelei que um dos personagens é professor, a palavra “adução” também leva o sentido de *lição*: de tentar depreender o quão complexa seria a vida de uma espécie capaz de viajar através das estrelas e através do *tempo*.

Rilva Simões: Que outros autores te inspiram?

Pedroom Lanne: Se tivesse que citar o escritor que mais me inspirou, o meu ídolo em quem me espelho, o nome é Jules Verne. Da humilde posição de alguém ciente que não possui semelhante maestria, um dos exercícios desse livro é tentar reproduzir o mesmo tipo de magia criada por Verne, tentar explorar uma temática que ele não teve oportunidade de se aventurar – afinal a física quântica é uma ciência em voga na nossa contemporaneidade –, a proposta é imaginar o que viria depois de uma viagem ao centro da Terra ou até a Lua; se já demos uma volta ao mundo em oitenta dias, como seria o mundo em que se dá uma volta ou se viaja para a Lua em oitenta milissegundos? E que tal até Netuno ou a estrela Sirius? E se um homem pudesse evoluir a tal ponto?

Minha admiração por Jules Verne é, inclusive, referendada no livro pelo termo “verniana” que cito no texto, nesse sentido, alguns outros nomes de escritores, cientistas, artistas e ídolos, como Stan Lee, o criador do universo Marvel, se não citados diretamente, figuram como parte dos muitos mitos que me inspiraram escrever essa obra.

Capítulo a parte em termos de inspiração é a personagem “Mídia” que compõe o mundo alienígena da minha história, a qual, sem dúvida, credito aos meus estudos e trabalho com mídia, e consumo desde a infância em uma TV preto e branco. Da mesma forma, meus

estudos em comunicação ao longo de duas décadas, o mestrado que fiz, também ajudaram a inspirar e estruturar as pesquisas necessárias para preencher o teor científico da obra. Porém, além da personagem “Mídia” que incorpora parte do meu pensamento científico, existe uma série de referências que me inspiraram ou que eu mesmo identifiquei como elementos figurantes na obra escrita, as quais incorporam uma miscelânea de produtos midiáticos incluindo livros, *games*, filmes, documentários, programas e personagens de TV, desenhos, gibis, revistas, cientistas ou pensadores famosos contemporâneos e póstumos etc. Em meu site consta a bibliografia do livro com todas as referências que de alguma forma me inspiraram conscientemente ou não, que cataloguei ou identifiquei na obra, além do principal material que consultei como livros, enciclopédias, sites, filmes etc. O endereço é: http://www.pedroom.com.br/portal/weblog/subpages/aducao_biblio.htm

Rilva Simões: É muito difícil publicar um livro? Já havia tentando em outras ocasiões?

Pedroom Lanne: Tive dificuldade para arrumar uma editora para esse meu primeiro livro, posso dizer. Tanto que primeiro o lancei em ebook por conta própria – o que requer um esforço para se desenvolver, divulgar e, sobretudo, financiar, pois cai tudo na conta do autor: requer tempo e dinheiro para contratar um bom revisor e outros profissionais. Eu vejo o livro e o ebook como produto de esforço coletivo: cabe ao autor escrever e estruturar bem sua história, então se agrega o trabalho de outros profissionais: revisor, editor, capista etc; quanto mais esforço agregado ao produto, melhor ele será, nesse sentido, o trabalho de uma editora é muito importante para o autor. Para lançar um ebook, embora o autor tenha a liberdade para fazer tudo por conta própria, precisará de uma boa rede de contatos e o bom uso das tecnologias digitais para agregar valor ao seu produto, o que requer o trabalho de outras pessoas, mesmo que apenas virtualmente. Como experiência malograda de publicação de um livro consta a minha dissertação de mestrado, a qual submeti para algumas editoras, mas nenhuma se interessou em publicar. Entretanto, eu não cheguei a formatar o estudo dissertativo na forma de um livro, apenas o submeti as editoras conforme fora aprovado, se tivesse trabalhado no sentido de adaptá-lo ao formato mais adequado para o mercado, talvez tivesse tido melhor sorte. Se me der na telha, ainda farei isso, pois meu estudo de mestrado trata de um assunto que ainda está em voga, se atualizado e adaptado na forma de um livro, ainda é possível publicá-lo.

Rilva Simões: Como você enxerga o mercado nacional literário?

Pedroom Lanne: Fraco. Mas creio que esse seja o padrão brasileiro, pois acompanho a queixa de muitos escritores ou aventureiros do mundo das letras como eu, que há longa data escrevem e publicam, seja por conta própria, por canais alternativos ou editoras menores, que dizem basicamente isso, que o mercado literário brasileiro é assim mesmo, fraco. Como comunicólogo e alguém formado no mercado editorial, para o autor brasileiro o espaço para publicar é restrito, o mercado em si é pequeno, o brasileiro lê muito pouco se comparado a outros países da América Latina, e a concorrência dos best-sellers, sobretudo estrangeiros, é muito forte. Para os editores, creio que o mercado está bom, temos novos *players* no cenário dos ebooks, um novo espaço de vendas online e os livreiros tradicionais nunca tiveram tantos livros para publicar como atualmente, todos favorecidos com a massificação das autopublicações, já que esse mercado coloca o ônus de investimento nos ombros do autor enquanto amplia o mercado explorando tanto o livro impresso, quanto os novos canais digitais – a venda por demanda e assim por diante. Sem dúvida, para quem pode investir em seu livro, o mercado nunca esteve tão aberto, já para quem não pode investir ou sonha em viver da venda de seus livros, o mercado nunca esteve tão fechado. O ebook é uma alternativa para o escritor se inserir no mercado investindo apenas seu tempo, nesse caso, apesar das portas abertas, a dificuldade é conseguir se destacar dentre os milhões de novos escritores que utilizam essas plataformas cada dia mais, inclusive disputando espaço em meio aos tradicionais best-sellers estrangeiros que lideram as vendas de livros digitais também nesses espaços (Kindle, Amazon, Kobo, Cultura, Saraiva etc).

Rilva Simões: Qual sua opinião a respeito do boom de novos escritores no mercado?

Pedroom Lanne: Eu vejo esse boom como algo positivo para quem gosta de escrever, softwares e plataformas online estão aí para isso: permitir que as pessoas escrevam e compartilhem o que quiserem sem intermediários, isso é muito legal, sobretudo para quem tem prazer de escrever. Quando eu tinha 13 anos e quis escrever um livro, minha única alternativa era entre lápis ou caneta, se eu contasse com os facilitadores que hoje desfrutamos, talvez eu me sentisse mais motivado a continuar escrevendo, dado que hoje o autor consegue ser lido diretamente e quase que instantaneamente por meio de um simples blog, assim, desde o início já interage com seus leitores e desfruta de um feedback que antigamente não era disponível. Hoje existem robôs que facilitam a arte de escrever, é um grande incentivo, apesar do festival de besteiro que inevitavelmente acompanha essa facilitação toda. Isso acaba saturando e colocando muito lixo no mercado, muitos livros

desesperadores como diz, mas eu não vejo mal em pessoas medíocres escrevendo coisas medíocres, até porque sempre existe um leitor medíocre para apreciá-la – a mediocridade basta a si mesma, todavia, se dela emergir um único escritor bom, que bom, melhor que zero. Se existe algum mal, ele não está aí, e sim nas grandes editoras e editoriais da grande mídia, ou de *publishers* que incentivam qualquer um a publicar apenas para lucrar em cada etapa da produção de um livro/ebook, que o autor paga caro para lançar e o editor não agrega nada ao trabalho, “*male male*” revisam seu livro, montam e mandam para a gráfica, ainda te prendem com um contrato e lucram com a venda ou te exigem que adquira a tiragem inicial, sem se importarem ou focarem sua aptidão junto ao autor e seu texto – mais um fator que incrementa a quantidade de “livros desesperadores” no mercado.

Se não bastasse isso, como estamos no Brasil, país em que figura a “Lei de Gerson”, existem golpistas especializados em roubar escritores, pessoas que oferecem um serviço editorial pífilo ou que cobram uma fortuna para fazer uma acessoria e só te enrolam, por fim, até estelionato existe no mundo editorial, de editoras falsas, aquela que o autor paga para publicar e aí a editora “desaparece” (sempre desconfie de editoras cujos sites se resumem a blogs e páginas no Facebook, e cujo contato único é via celular).

Há de se entender que, se hoje qualquer escritor medíocre tem espaço para se lançar no mercado simplesmente pagando para ser publicado – dentre os quais eu posso me incluir, dado que estou lançando meu primeiro livro –, da mesma forma existem pessoas medíocres que pagam por seus MBA’s ou têm dinheiro para estudar fora do país e se prostituem oferecendo e explorando o bolso de escritores principiantes que não conhecem as armadilhas do mercado editorial. Nunca ache que só porque uma editora tem um escritório bonito com computadores modernos que necessariamente é uma boa editora.

O fenômeno da autopublicação que comentei explica esse boom. Se por um lado contribui para aumentar a banalização do mercado editorial como comentei, por outro, abre espaço para pessoas que simplesmente sonham em publicar um único livro – ou quatro como eu –, pessoas que não tem ambição de ser escritor, apenas de criar um livro para deixar para os filhos, parentes e amigos.

O pior desse boom, tanto da autopublicação como das plataformas digitais de ebook, é o fim da parceria escritor-editor, pois, como enfatizei anteriormente, um livro de qualidade resulta de uma somatória de esforços, e a parceria entre esses dois atores é fundamental para o desenvolvimento do autor e, conseqüentemente, para uma melhor qualidade dos livros que chegam ao mercado. Na autopublicação importa a quantidade, não a qualidade. Na automatização das publicações online, o trabalho do editor é limado do processo, e isso

compromete a qualidade, de modo que, se como autor, reclamei que o mercado editorial é restrito, o cenário atual é igualmente danoso para os *bons* editores. Ainda não existe uma máquina que substitua o trabalho de um bom editor.

Eu só espero que quando passe ou se estabilize esse boom, as editoras que oferecem serviço de publicação para o autor nacional percebam que, face a nova concorrência, a sobrevivência se dê pela qualidade de seus serviços junto ao contratante, o autor, afinal, com tantos caminhos e possibilidades que hoje se oferecem para quem quer escrever e publicar um livro, o que pode diferenciar uma ou outra editora seja o tratamento gentil e engrandecedor por parte do contratado e vice-versa.

Rilva Simões: Você acha muito caro o livro no Brasil?

Pedroom Lanne: Sim, o que é péssimo. Afinal, quem acha bom pagar mais caro por qualquer coisa? Duro é tentar entender por que o livro é tão caro no Brasil. Afinal, não estávamos comentando sobre o boom do mercado de livros? E se existe maior oferta de livros, o preço deveria cair, correto? Enfim, somente um economista pode te explicar. O único fator que eu, como autor, identifico como vetor que contribui para o alto preço do livro nacional, ou o preço para lançar um autor nacional, ser maior, é a concorrência dos *publishers* estrangeiros, que inundam o mercado com largas tiragens e ampla distribuição de livros best-seller que já vem prontos e contam com uma rede de divulgação global, são infinitamente mais rentáveis do que as custosas pequenas tiragens de autores novos cujo potencial mercadológico se desconhece. Como é mais oneroso investir em autores novos, você repassa o ônus para o autor, daí o fenômeno da autopublicação ou dos links “publique seu livro” que pipocam no Google.

Rilva Simões: Se pudesse eleger um livro que gostaria de ter escrito, qual seria?

Pedroom Lanne: Putz! Não sei. Então vou te responder o livro que me veio à mente com essa pergunta: “1984” de George Orwell. Até por que a temática dessa famosa história de Orwell, a figura do Grande Irmão, o Big Brother que até virou reality-show, é certamente um dos temas que subsiste no universo alienígena do meu livro, inclusive pela ilustração de um personagem que se chama, justamente, Grande Irmão. Mas existe uma *grande* diferença, o Grande Irmão de Orwell incorpora a ideia de controle social ditatorial, o meu traduz um lado mais *democrático* do mesmo, digamos assim. O leitor que por acaso se permitir aventurar em meu universo alienígena, notará algumas semelhanças da história com o Big Brother não só de Orwell, mas também o da Rede Globo.

Rilva Simões: Eleja uma trilha sonora para o seu livro.

Pedroom Lanne: Trilha? A nona sinfonia de Beethoven para o miolo e a ópera Aleluia de Handel para o clímax final, que tal? Já que a obra narra a odisséia de uma civilização que triunfa mais de 300 mil anos no futuro e os personagens só resolvem seu drama pessoal a custa de muito convencimento, então por que não? Falando sério, não sei. Só saberia citar trilhas clichês, como a do filme “2001, uma odisséia no espaço” ou “Star Trek”. De verdade, posso dizer que o livro contém passagens inspiradas em diversos cantores e bandas de vários estilos, tais como: Led Zeppelin, John Lennon, Sistema Negro, Korzus, Marcelo Nova, Chico Buarque, Wange Leonel e até Wando; canções que poderiam compor a trilha sonora da obra facilmente ao lado de Beethoven e Handel, ilustraria bem a miscelânea que é o mundo alienígena sobre o qual escrevi.

Rilva Simões: Qual o melhor que você já leu?

Pedroom Lanne: O livro cuja leitura mais me marcou como nenhum outro foi “Christiane F. 13 anos, drogada e prostituída”, que li em minha adolescência duas vezes seguidas – sem dúvida, esse foi o livro da minha vida. Há pouco tempo, li o novo livro da Christiane F. (“A vida apesar de tudo”), mas não me impressionei tanto. Mais recentemente, os livros marcantes que li são mais filosóficos, posso citar: “O Príncipe” de Maquiavel, “O Discurso do Método” de René Descartes e, claro, “O Triângulo das Bermudas” de Charles Berlitz, o qual me permitiu o *insight* fundamental para a criação do meu primeiro livro.

Rilva Simões: Você pode falar a respeito de seus projetos depois da publicação de “Adução”?

Pedroom Lanne: No momento estou escrevendo a continuação e antítese do livro “Adução”, a segunda parte da história, cujo título será “Abdução”. Depois pretendo terminar os projetos que mencionei anteriormente, isto é, a menos que ao terminar de escrever essa segunda história sobre alienígenas eu consiga inventar mais alguma, por hora, planejo apenas uma *dylogia*: ou seja, dois livros sobre o mesmo universo alienígena que criei.

Rilva Simões: Você está a par e o que você pensa da crítica literária dos blogueiros?

Pedroom Lanne: Sim, acompanho. De modo geral todos os bloqueiros também estão no Facebook, então centralizo o feedback por ali, inclusive mantenho alguns grupos de discussão e também leio e critico ou resenho livros dos meus amigos online. Mas, além do Face, estou em várias mídias e plataformas, sempre buscando interagir com blogueiros e fãs, os quais chamo carinhosamente de “ufãs” (em relação a sigla UFO).

Rilva Simões: A quem você atribui a sua obra primeiramente?

Pedroom Lanne: Ao sociólogo Prof. Dr. Cláudio Novaes Pinto Coelho do meu curso de mestrado na FACASPER/SP. As aulas, as leituras indicadas e os debates liderados pelo Prof. Cláudio foram fundamentais e estratégicos para o desenvolvimento de meus pensamentos em relação à comunicação, a mídia e a nossa sociedade em si. Sem as reflexões oriundas da abordagem de estudos proposta pelo Prof. Cláudio, eu jamais seria capaz de descrever a inteligência alienígena tanto por um viés evolutivo quanto crítico de nossa atual sociedade conforme tento traçar em minha obra, tão pouco existiria uma personagem que incorpora a mídia na narrativa. Por fim, foi desenvolvendo textos para a avaliação da matéria ministrada pelo Prof. Cláudio que, se antes já havia perdido o medo de escrever, passei a ter *tesão* em escrever.

Rilva Simões: Existe e qual seria a alegria em ser escritor?

Pedroom Lanne: Além do prazer de escrever que já descrevi, eu sinto que a alegria em ser escritor é deixar seus pensamentos eternizados para que outros possam compartilhar, então colher o feedback, por mínimo que seja, dos que absorveram esses pensamentos, sempre tendo em mente que cada um tem sua própria maneira de absorver esses pensamentos, ou seja, gostando ou não do que você escreveu.

Rilva Simões: Teça suas considerações finais para a conclusão dessa entrevista.

Pedroom Lanne: Peço aos possíveis leitores do meu livro que perseverem na leitura, não confundam a complexa contextualização de um mundo alienígena descrito pela física quântica com a simplicidade e, até, o humor da trama novelesca que vivem os personagens humanos.

Para quem está iniciando no mundo da leitura, peço que se permita aventurar pelos grandes clássicos da literatura, que elejam seus temas de interesse e busquem livros de autores póstumos e seus textos originais, que leiam também os grandes filósofos – aqueles livros de bolso que se vende em bancas de jornal –, fugir um pouco dos best-sellers. Buscar

entender que ler não é somente se entreter com histórias ou se encantar com poemas, é compartilhar e entender pensamentos, é um exercício que te permite pensar melhor, se tornar mais inteligente. Ler é um do caminho que nos permite conversar através do tempo e depois da morte. Quem escreve precisa ter isso em mente, que um livro torna seu pensamento imortal, representa sua mensagem e legado para as gerações futuras.